

REDES SOCIAIS E O OLHAR PATOLOGIZANTE SOBRE MULHERES JOVENS

Ana Clara Soares Gomes da Cunha (anaclarasgdacunha@gmail.com),

Elisa Soane Lomônaco (elisasoanee011@gmail.com),

Orientadora: Ketlin Kroetz, ketlinkroetz@ufu.br

Colégio Nacional

Escola Estadual Professora Juvenília Ferreira dos Santos

Resumo

A pesquisa, realizada em parceria com o Grupo de Estudos, Pesquisas e Inovações Tecnológicas (GEPIT), tem como objetivo principal problematizar os discursos sobre a patologização das mulheres nas redes sociais. Consideramos que a tendência em patologizar comportamentos revela uma dificuldade coletiva de lidar com a complexidade do mundo digital, uma vez que as redes sociais potencializam sentimentos como vaidade, insegurança, desejo de conexão e expressão, mas nem sempre isso implica em doença. É importante diferenciar, portanto, sofrimento psíquico de variações normais da experiência humana em tempos neoliberais. A pesquisa é qualitativa com natureza predominantemente exploratória, e se utiliza da etnografia digital como prática metodológica para compreender, por meio de interações sociais e engajamento coletivo em redes sociais, por exemplo, produz discursos sobre patologização de mulheres jovens na atualidade. Os dados serão coletados nas redes sociais Instagram, Tik Tok e Twitter durante os meses de agosto e setembro. Os registros serão “printados” e organizados em nosso diário de campo, preservando a identidade do público que está sendo observado e transformando um volume complexo e heterogêneo de dados em categorias interpretativas capazes de responder ao problema de pesquisa. Um dos resultados esperados consiste em desnaturalizar o discurso médico-psicológico que rotula como "doentes" certos comportamentos que fazem parte das formas de expressão e construção de identidade das mulheres jovens na contemporaneidade. Ao problematizar como o sofrimento psíquico é tratado nas redes sociais, o projeto pode contribuir para uma discussão mais ética e crítica sobre saúde mental, gênero e juventude feminina

Palavras-chave: Redes Sociais; Mulheres jovens; Patologização.

Problematizando o tema

No livro *Mal-estar, sofrimento e sintoma*, Christian Dunker (2015) critica a forma como, na contemporaneidade, a sociedade tende a transformar qualquer sofrimento psíquico em diagnóstico médico. Esse movimento é ainda mais evidente nas redes sociais, que amplificam padrões de comportamento, produção e estética, contribuindo para o aumento do sofrimento.

O *Panorama da Saúde Mental (2024)*, desenvolvido pelo Instituto Cactus em parceria com a Atlas-Intel, indica que os impactos das redes sociais sobre a vida dos jovens costumam ser traduzidos em diagnósticos médicos. Contudo, é importante destacar que o sofrimento psíquico não corresponde, necessariamente, a uma patologia (Safatle; Junior; Dunker, 2020). Embora doloroso, nem sempre pode ser enquadrado como doença ou transtorno, mas como expressão das tensões da vida contemporânea, marcada pelo neoliberalismo.

A patologização de comportamentos revela a dificuldade coletiva de lidar com a complexidade do mundo digital, que potencializa características humanas universais (como vaidade, insegurança, desejo de conexão e necessidade de expressão), mas que não implicam, por si só, em doença. Desse modo, partimos da hipótese de que, nas redes sociais, constrói-se um fio condutor patologizante que serve para justificar comportamentos considerados inadequados. Assim, estabelece-se a ideia de um sujeito “normal” (Foucault, 2001), enquanto tudo o que foge dessa norma é classificado como anormal e, portanto, passível de diagnóstico. Nesse processo, o corpo e a mente de jovens mulheres é submetido a intervenções médicas e biológicas, em busca de uma suposta normalidade.

Objetivos

A partir dessa perspectiva, o objetivo central deste trabalho consiste em problematizar os discursos que reforçam a patologização das mulheres nas redes sociais. Como objetivos específicos, propomos:

- Ampliar o debate acadêmico sobre a patologização dos comportamentos femininos, especialmente no contexto digital e juvenil;
- Identificar práticas de resistência nas redes sociais que busquem desconstruir narrativas patologizantes;
- Promover ações de extensão em escolas da região de Uberlândia, voltadas a jovens mulheres, com foco no cuidado de si como prática ético-política, estimulando uma relação mais consciente

com a saúde mental. Explicam a finalidade da sua pesquisa, ou seja, respondem à pergunta: para que a pesquisa será realizada?

Descreva o desenvolvimento das ações do seu trabalho, cada passo realizado, quais os recursos que foram utilizados. Descreva se seu trabalho irá apresentar maquete ou protótipo no dia da apresentação na feira. Descreva também, quais foram os materiais usados na construção da maquete ou protótipo, e outros detalhes sobre o trabalho. Aqui nesta seção você deve indicar a resposta para as perguntas: como o trabalho foi realizado e qual a relação disto com os objetivos?

Caminhos metodológicos

Para alcançar o objetivo da pesquisa, foi realizada uma etnografia digital nas plataformas Instagram, TikTok e Twitter. Trata-se de uma abordagem qualitativa, de caráter essencialmente exploratório. A etnografia digital pode ser entendida como uma estratégia metodológica que busca compreender as interações realizadas nas tecnologias digitais, incorporando o engajamento reflexivo em ambientes virtuais com o objetivo de produzir conhecimento sobre os significados, valores e práticas dos sujeitos nesses espaços (Hine, 2004). O digital não é visto como um simples canal de comunicação, mas como um campo social próprio, com normas, linguagens, símbolos e modos de vida que precisam ser interpretados em seus próprios termos.

A pesquisa de campo ocorreu entre os meses de agosto e setembro, período em que foram coletados materiais relacionados aos discursos de patologização das mulheres nas plataformas selecionadas. O monitoramento foi diário, contemplando diferentes formatos de publicação, como vídeos, imagens, legendas, comentários, respostas e textos. Todo o material foi registrado por meio de capturas de tela e sistematizado em um diário de campo, garantindo o anonimato das pessoas observadas. Na etapa de organização dos dados para análise, o objetivo consistirá em transformar esse conjunto amplo e heterogêneo de informações (posts, imagens, vídeos, comentários etc.) em categorias interpretativas que respondam à problemática do estudo.

Iniciando a análise

Para alcançar esses objetivos, organizamos o referencial teórico em três eixos. O primeiro, Neoliberalismo, patologização e sofrimento psíquico: uma crítica contemporânea, discute como o neoliberalismo acentua o processo de patologização, analisando o crescimento

da tendência de interpretar sofrimentos comuns como doenças, desconsiderando fatores sociais, econômicos e políticos que os atravessam. O segundo eixo, Redes sociais na juventude, examina o uso massivo de plataformas como Instagram, TikTok e Twitter, e seus impactos sobre a juventude feminina, utilizando autores como Paula Sibilia e sua obra *O show do eu* (2015). Por fim, o terceiro eixo, *Do normal ao anormal: patologização dos comportamentos das juventudes femininas nas redes sociais*, aborda a literatura que relaciona a noção de anormalidade à patologia.

No decorrer das análises, que ainda se encontram em andamento, encontramos três categorias que problematizam a patologização nas redes sociais, a saber: o autodiagnóstico e a banalização do diagnóstico, a padronização do corpo e a sexualização e controle moral. Tais categorias estão sendo aperfeiçoadas e escritas pelas pesquisadoras, mulheres, em um grupo de pesquisa da cidade de Uberlândia. A pesquisa, que se encontra em andamento, tem como impacto a ampliação do debate acadêmico sobre a patologização dos comportamentos femininos, especialmente no contexto das redes sociais e da juventude, dialogando com áreas como Psicologia, Sociologia, Estudos de Gênero e Comunicação. Um dos resultados esperados consiste na contribuição do projeto para desnaturalizar o discurso médico-psicológico que rotula como "doentes" certos comportamentos que fazem parte das formas de expressão e construção de identidade das jovens mulheres na contemporaneidade.

Conclusões

Ao problematizar como o sofrimento psíquico é tratado nas redes sociais, o projeto pode contribuir para uma discussão mais ética e crítica sobre saúde mental, gênero e juventude. Outro efeito consiste em um impacto prático, no sentido de propor o cuidado de si como alternativa de prática de liberdade para mulheres jovens, visando promover o autoconhecimento. Tais resultados convergem para a construção de um conhecimento solidário, crítico e orientado à prática, capaz de desconstruir estigmas, reforçar a saúde mental e o cuidado ético de si das mulheres jovens.

Referências

- DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Mal-estar, sofrimento e sintoma**: uma psicopatologia do Brasil entre muros. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2015. 413 p
- FOUCAULT, Michel. **Os anormais**: Curso no Collège de France (1974-1975). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.



HINE, Christine. **Etnografia Virtual**. Barcelona: Editorial UOC, 2004. Disponível em: <http://ethnographymatters.net/blog/2013/11/29/christine-hine-on-virtual-ethnographys-e3-internet/>. Acesso em: 23 mar. 2025.

INSTITUTO CACTUS; ATLASINTEL. **Panorama da Saúde Mental: 3ª coleta, 1º semestre de 2024**. São Paulo: Instituto Cactus; AtlasIntel, 06 nov. 2024.

SAFATLE, Vladimir; JÚNIOR, Nelson da Silva; DUNKER, Christian Ingo Lenz **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. São Paulo: Autêntica, 2020.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: A intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteir, 2015.